

Karl Erik Schøllhammer org.

Knut Hamsun no Brasil

Sumário

Prefácio	7
<i>Karl Erik Schøllhammer</i>	
Como ser um clássico e uma vergonha nacional ao mesmo tempo: o caso Knut Hamsun	11
<i>Helge Rønning</i>	
Hamsun e o paradoxal individualismo escandinavo	25
<i>Per Johns</i>	
“Como um viking na tempestade”? Knut Hamsun e o nazismo	31
<i>Elcio Loureiro Cornelsen</i>	
A cultura no sanatório. Alguns apontamentos sobre os romances de Knut Hamsun, Thomas Mann e Italo Svevo	71
<i>Markus Lasch</i>	
Knut Hamsun – um artista da fome	93
<i>Karl Erik Schøllhammer</i>	
Sobre os autores	111



Prefácio

Os estudos aqui reunidos resultam do seminário Knut Hamsun – 150 anos, realizado em novembro de 2009, na PUC-Rio, para celebrar os 150 anos do nascimento do escritor norueguês. O evento foi organizado pelo Departamento de Letras da PUC-Rio em colaboração com o Consulado Geral da Noruega e com apoio do Ministério das Relações Exteriores da Noruega. Através de uma série de palestras em que tivemos o prazer de receber escritores e pesquisadores do Brasil, a obra de Hamsun foi relembada e discutida, criando um diálogo entre leituras brasileiras e europeias. Tivemos ainda o privilégio de contar com a presença de um convidado da Noruega, Helge Rønning, especialista em Hamsun e professor da Universidade de Oslo.

Knut Hamsun (1859-1952) foi um dos escritores mais importantes do século xx, com uma influência essencial sobre a literatura europeia e americana. Em 1920, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura pelo romance *Os frutos da terra*, mas foi com seu primeiro livro, *Fome*, considerado uma das obras pioneiras da ficção modernista, que causou o maior impacto.

Para um escritor nórdico, Hamsun teve uma divulgação surpreendentemente rápida no Brasil. Já em 1934, a editora

Livraria Cultura Brasileira lançou *Um vagabundo toca em surdina* e *Fome*. Maior sucesso de Hamsun, *Fome* ganhou edições pela Livraria Martins Editora (São Paulo, 1943); Clube do Livro (São Paulo, 1945); e pela Livraria Martins Editora (Coleção Excelsior, São Paulo, 1947), que publicou um único volume com os romances *Fome*, *Pan*, *Um vagabundo toca em surdina* e *A rainha de Sabá*. Na coleção dos prêmios Nobel de Literatura da Editora Delta, o romance foi relançado em 1963 com tradução de Carlos Drummond de Andrade feita a partir da versão francesa.

Outro grande sucesso no Brasil foi o romance *Pan*, traduzido por Augusto Souza e publicado pela Livraria Martins em 1943, com reedição em 1947. Em 1961, uma edição conjunta de *Vitória* e *Sonhadores* saiu pela editora Boa Leitura, de São Paulo, em volume traduzido por Constantino Paleólogo; no mesmo ano, a editora lançou o penúltimo livro de Hamsun, *Ringen sluttet*, de 1936, com o título ... *E não consegue fugir*. Em 1966, finalmente sai no Brasil o romance *Os frutos da terra* (*Markens Grøde*), publicado pelas edições O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, com a primeira tradução direta do original norueguês para o português, feita por Guttorm Hanssen.

Muitas reedições das mesmas traduções se sucederam. Em 2005, a editora Itatiaia, de Belo Horizonte, lançou *A rainha de Sabá*, *A morte de Glahn* e *Sonhadores* em volume único, além de *Um vagabundo toca em surdina*, *Vitória*, *Pan*, *Frutos da terra* e *Fome*, este ainda na tradução de Carlos Drummond de Andrade. *Fome* foi editado novamente em 2009, desta vez pela Geração Editorial, de São Paulo, mas infelizmente os esforços de providenciar, para o público brasileiro, uma tradução da obra mais conhecida de Hamsun diretamente do original fracassaram, pois essa versão já havia sido lançada previamente no Brasil sem a autorização necessária e legal do editor norueguês.

Apesar da popularidade dos livros de Hamsun entre os leitores brasileiros durante décadas, é notável a ausência quase absoluta de estudos acadêmicos sobre sua obra. Muitos escritores e críticos a mencionam rapidamente, mas na Plataforma Lattes não se encontra nenhum título que inclua o nome de Hamsun, havendo apenas uma única referência¹ que inclui a obra em estudo comparativo com o regionalismo brasileiro. Uma busca no Google Acadêmico é reveladora da escassez de leituras aprofundadas de sua obra no contexto brasileiro. A única exceção talvez seja o estudo do escritor pernambucano Amílcar Dória Matos, que em 1974 concluiu uma monografia, nunca publicada, com o título *Hamsun: esboço de um estudo*. É verdade que a figura de Knut Hamsun é, ainda hoje, bastante polêmica por sua identificação política com o nacional-socialismo alemão durante a Segunda Guerra, questão aqui abordada em profundidade pelos professores doutores Helge Rønning e Elcio Loureiro Cornelsen. No entanto, a obra de Hamsun continua a ser estimulante e seus complexos personagens não perdem a humanidade e a força que motivaram Thomas Mann a defini-lo, em 1929, como o “prêmio Nobel mais merecido e o verdadeiro sucessor de Dostoievski”.

Este livro é um convite a novas leituras do autor norueguês, apresentando uma série variada de estudos críticos que mostram o quanto sua obra continua atual e relevante no contexto da literatura contemporânea.

Karl Erik Schøllhammer

¹ O doutorando Waldemar Rodrigues Pereira Filho discute o paralelo com Hamsun: “A fome: ânsia ou carência. Uma leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun”. In: ANAIS DO SETA, Número 4, 2010.



Como ser um clássico e uma vergonha nacional ao mesmo tempo: o caso Knut Hamsun

Helge Rønning

Knut Hamsun é um enigma. Por um lado, é sem dúvida um dos autores mais importantes e influentes do século xx; por outro, é considerado um traidor e reacionário. Sua vida (1859-1952) e suas experiências pessoais cobrem a transição de uma sociedade rural e tradicional para um período de modernidade total. Viveu quase cem anos. Foi admirado e vilipendiado. Este último fato está relacionado sobretudo à sua admiração explícita por Hitler e à filiação ao Partido Nazista Norueguês, liderado por Vidkun Quisling. Este aspecto dominou – e ainda domina – uma determinada percepção e atitude dos noruegueses em relação a Hamsun depois da Segunda Guerra Mundial. O debate ressurgiu quando foi decidido que o ano de 2009 seria declarado o “Ano Hamsun”, a ser celebrado na Noruega e no mundo. Uma nova edição da sua obra completa foi publicada. Novas traduções apareceram. Foram organizadas conferências e seminários (como este aqui no Rio) e escritos novos livros e artigos sobre a sua vida e obra. É possível dizer que Hamsun venceu. Suas transgressões foram absolvidas. É a literatura dele que deve ser

lembrada, não a traição política de sua vida. Permanece um clássico literário e deixou de ser uma desgraça nacional. Será?

KNUT HAMSun – UM OU MUITOS?

A discussão sobre Knut Hamsun ao longo dos anos mostra certos padrões. Por um lado, temos todos os que admiram seus livros desde o primeiro romance importante, *Fome* (1890), até o último livro – que não é realmente um romance, mas uma mistura de memória e ensaio –, *Pelos atalhos fechados* (1949).¹ Esses admiradores destacam seus personagens, a bela linguagem poética e defendem que as atitudes políticas não devem obscurecer a grande obra literária. Tal atitude postula que Hamsun não escreveu sobre assuntos políticos, mas sobre psicologia e vida poética, e que era muito velho, fraco e quase senil quando abraçou o movimento nazista. Esse ponto de vista ainda se baseia na opinião de que existe uma divisão fundamental entre arte e política.

Por outro lado, existem críticos que já apontavam, desde relativamente cedo, aspectos da obra de Hamsun associados ao autoritarismo, ao vitalismo, às atitudes antissociais e anti-intelectuais e ao misticismo. Segundo esse ponto de vista, as opiniões políticas de Hamsun foram evidentes mesmo nas obras literárias criativas dele. Um dos primeiros expoentes dessa maneira de interpretar Hamsun foi o sociólogo, crítico literário e pesquisador de mídia alemão/americano Leo Löwentahl, membro proeminente da Escola de Frankfurt.

Há uma grande, porém consistente, inconsistência na forma com que a obra de Hamsun foi discutida e criticada na Escandinávia durante sua vida. Ele nunca foi um escritor

¹ Ganhou no Brasil o título ... *E não consegue fugir* (Boa Leitura, São Paulo, 1963).

apreciado de forma incondicional. Os que admiram *Fome* frequentemente detestam as obras seguintes. Mesmo *Mistérios* (1892), romance que sucede *Fome*, foi fortemente atacado. Por outro lado, os admiradores de Hamsun geralmente gostam de *Os frutos da terra* (1917), livro pelo qual foi contemplado com o Prêmio Nobel. Assim, a obra de Hamsun está desde o início rodeada por desaprovação total de um lado e veneração sentimental de outro. É possível dizer que em alguns ambientes ele foi um sucesso durante a vida, até a decepção final, enquanto em outros sua reputação desenhou uma trajetória contrária. Hamsun foi sempre um autor sobre o qual segue sendo difícil concordar ou encontrar unanimidade. Ele cultivou surpresas e ressentimentos, e, conseqüentemente, é possível perceber em sua traição nacional e política a culminação dialética entre grandes expectativas e a impossibilidade de sua realização. Trata-se de um trauma simultaneamente pessoal, nacional e com raízes numa comunidade literária confundida.

Em toda a obra de Hamsun as mesmas estruturas temáticas, os mesmos conflitos e figuras se mantêm presentes. Existem tentativas de periodizar a relação entre os livros e a vida de Hamsun. O primeiro período vai desde o seu primeiro sucesso, *Fome*, até o fim do século XIX. Esse período representa o escritor boêmio e modernista precoce, frequentemente também romântico, e abarca romances como *Fome*, *Mistérios*, *Terra nova* (1893), *Pã* (1894), *O jogo da vida* (1896) e *Vitória* (1898). Depois temos um período de obras diversas, que representam as tentativas do autor de explorar e compreender uma sociedade moderna de que faz parte mas detesta, e na qual os personagens buscam uma maneira de interpretar a sua existência de forma nostálgica e contemporânea. Exemplos de obras desse período são: o livro de viagens ao Cáucaso, *No país maravilhoso* (1903), e romances como *O sonhador* (1904), *Sob a estrela de outono* (1906), *Rosa*

(1908), *Benoni* (1908) e *Um vagabundo toca em surdina* (1909). Em 1909, Hamsun, que já se tinha divorciado da sua primeira mulher, casou-se com a atriz Marie Andersen, acabou com a vida boêmia e comprou uma casa no campo. Os livros desse novo período podem ser caracterizados como realistas, mas, mesmo assim, também cheios de ironia e de retratos satíricos sobre as maldades da vida moderna combinando-se com interpretações utópicas da vida rural. É o período do romanista maduro e vencedor do Prêmio Nobel. Hamsun atingia um estado de clássico norueguês – adorado e popular: *A última alegria* (1912), *Filhos da época* (1913), *A cidade de Segelfoss* (1915), *Os frutos da terra* (1917), *As mulheres da bomba* (1920), *Último capítulo* (1923), *Vagabundos* (1927) e *Augusto, o marinheiro* (1930). De 1930 até ao ano da sua morte, em 1952, temos um período de um autor amargo, incessante, mais irônico e misantropo, que se encontra numa situação em que a sua vida e o tempo contemporâneo são intoleráveis. Representa um retorno aos temas e preocupações da sua juventude. Os livros desse período caracterizam-se como comentários sobre os temas de *Fome* – como o abandono da vida pública, submissão a forças incompreensíveis e uma desconfiança face à intelectualidade. É um período marcado por denominação e “desionização”, mas também por uma urgência de se situar do lado contrário ao das opiniões correntes. As obras dessa fase são *E a vida continua* (1933), *A ronda acabada* (1936) e *Pelos atalhos fechados* (1949).

O VAGABUNDO

Existem dois personagens emblemáticos que desempenham papéis importantes em toda a obra de Hamsun. Um é o andarilho – o vagabundo sem lar permanente. O outro é o agricultor, o camponês que trabalha no cultivo das terras de sua fazenda.

Esses dois opostos formam um par temático em todos os romances, e ambos se caracterizam por serem, ao mesmo tempo, figuras psicológicas, sociais, ideológicas e simbólicas.

Os vagabundos aparecem pela primeira vez já no título de um dos mais famosos romances de Hamsun, *Um vagabundo toca em surdina*. Todos se envolvem na busca da identidade como forma de aceitação erótica e social, mas também como tentativa de encontrar um tipo de totalidade que possa transcender a existência alienada, complexa, dispersa e cheia de conflitos com que se defrontam ao serem vagabundos. Eles representam um “Eu” que não tem uma identidade completa. Nesse ponto, os personagens de Hamsun partilham propriedades com outros personagens de grande tradição da prosa modernista. São versões de *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O homem sem qualidades*), de Robert Musil. Os vagabundos de Hamsun representam um homem sem lar fixo que existe em movimentos inquietos entre os espaços geográficos, morais e existenciais que os romances ilustram. Vivem num país de fronteiras que deve ser interpretado como um fascínio por caminhos que transcendem todos os limites e implicam uma vida à margem da sociedade. Isso é expresso tanto na forma como os personagens refletem sobre as circunstâncias das suas existências isoladas como na sua reação aos encontros e situações interpessoais, onde eles se reconhecem como *outsiders* – frequentemente envolvendo grandes mal-entendidos nos quais não reconhecem a situação da qual fazem parte.

Um extremo erotismo e uma luta pela aceitação social são temas centrais nos encontros interpessoais que dominam a construção dos anti-heróis vagabundos de Hamsun. É possível dizer que seus vagabundos representam críticas irônicas sobre as tentativas de todos os homens modernos em obter uma identidade total. Nós somos condenados a existir como fragmentos

de um “Eu” total. Nas constelações eróticas em que Hamsun coloca os seus protagonistas existe uma tensão entre desejo e satisfação na qual o jogo dos papéis e ilusões sociais são sempre essenciais. Nas confrontações e nos encontros eróticos, os personagens de Hamsun agem numa arena interpessoal em que o desejo é descrito como uma oscilação entre fantasia e realidade. Isso representa um paralelo em relação à arena social onde os seus personagens lutam com a nostalgia por assumirem uma certa realidade e uma fantasia de grandeza que eles nunca vão atingir. Os vagabundos de Hamsun são imagens de um sujeito que tenta viver as ilusões de virar um ser humano completo, sabendo ao mesmo tempo não poder constituir nada além de um “Eu” que no fundo será sempre fragmentado.

O AGRICULTOR

O oposto aparente do vagabundo na obra de Hamsun é o agricultor, homem completo com as raízes bem assentadas na terra. Como personagem exemplar desse tipo literário, podemos destacar Isak Sellanraa no romance *Os frutos da terra*, que, junto com *Fome*, é o seu livro mais popular. Mais que qualquer outro, esse foi o livro que contribuiu para que Hamsun se tornasse um autor mundialmente conhecido. *Os frutos da terra* cobre um período de mais de vinte anos e descreve as vidas de Isak, sua família e seus vizinhos. O romance pode ser interpretado como o imaginário idealizante da criação rural e comunitária. Enquanto os vagabundos de Hamsun se caracterizam pela psicologia intimista, Isak caracteriza-se pelo oposto. Ele entra no mundo atravessando pântanos e conquistando o que vai ser o seu reino, e é descrito assim: “Carrega um saco, o saco principal, contendo provisões para a estrada e alguns utensílios. O homem é forte e rústico, com uma barba de cor vermelha de

ferro e pequenas cicatrizes na cara e nas mãos”. Na abertura do livro, Isak emerge aos nossos olhos como um personagem originário da terra. Ele mesmo é um produto da própria terra em que continua produzindo.

Isak é um pioneiro, amanhando uma floresta selvagem para construir uma casa. Ele é o lenhador, o lavrador de arado, o semeador, tão perto da terra quanto é possível para um homem. Encontrou uma mulher que é igualmente forte – Inger, que tem lábio leporino. Eles se casam, e os filhos, Eleseus e Sivert, crescem na quinta que Isak construiu e que tem o nome de Sellanraa. Mas a vida harmoniosa e industriosa é perturbada pelo nascimento de uma filha. Ela sofre da mesma deformidade que Inger, que a mata por não a considerar suficientemente forte. Inger é encarcerada por causa deste infanticídio. Quando volta, cinco anos depois, a vida em Sellanraa decorre de forma aparentemente normal, mas um sentido de desordem é perceptível.

Isak é um trabalhador infatigável – encarna o princípio do trabalho. Ele gera filhos e cria uma vida para a sua família. É ele que vai à frente e conduz os outros. Outras famílias se estabelecem e durante décadas uma comunidade cresce. Cada pessoa chega com seus problemas particulares. Quando é encontrado cobre na propriedade de Isak, ele faz uma pequena fortuna. Mas a riqueza não altera as dificuldades em Sellanraa. Inger é infiel e tem uma parente que se intromete nos problemas da família. O filho Eleseus é instável. Todos são testemunhas de que uma comunidade não necessariamente significa harmonia e vida em conjunto. Consequentemente, Isak, o solitário pioneiro, torna-se um indivíduo lançado numa existência solitária e alienada como os vagabundos de Hamsun, a despeito das diferenças entre ambos. Quando os novos homens que representam a modernidade chegam a Sellanraa para encordoar as linhas da telegrafia e minar as montanhas, eles destroem os princípios que

estão no centro do mundo de Isak. A modernidade representa uma incursão do ser humano na natureza e também a destruição da harmonia entre o homem e seu meio. O cultivador representa a utopia natural e o mundo moderno é uma aberração do ideal de harmonia entre homem e natureza. Em *Os frutos da terra*, Hamsun celebra a criação dos princípios fundamentais aos quais as gerações seguintes não conseguem voltar.

Os agricultores de Hamsun simbolizam aspectos da natureza, e a sua admiração por um personagem com o caráter de Isak não significa o respeito pelo homem que vence a natureza mas pelo indivíduo que existe como parte da natureza, ou melhor, pelo indivíduo que é dominado pela natureza. Isak e os outros heróis agricultores nos seus romances passam o tempo no trabalho, lutam com a natureza e são dependentes das mudanças de estação e das transformações de florestas em campo cultiváveis, voltando a elas para retornar aos campos num ritmo natural e eterno. O próprio agricultor não é um retrato psicológico, mas, pelo contrário, um fenômeno natural que aparece e desaparece como folhas que crescem e murcham nas florestas de acordo com as mudanças de estação. Os agricultores de Hamsun têm uma identidade fundada na natureza, não na sua humanidade. Temos passagens em *Os frutos da terra* que decifram esse tema de forma tão clara que não é possível confundir.

Sendo a história um processo civilizador, contrário ao processo biológico da natureza, o final do romance indica que a civilização é uma ruptura com o ritmo natural do desenvolvimento. Um agricultor não é um homem feito de história, mas de ritmo biológico e natureza. A vida é representada por uma visão de geração após geração. O ser humano se cria como outros animais e faz principalmente parte da natureza, não da civilização. Quando alguém morre, nasce um novo indivíduo. Esse é o sentido da vida eterna. As mudanças da história civilizadora

destroem a harmonia da vida natural. Servir à natureza é a lei real da vida do agricultor. A felicidade só significa que o agricultor cumpriu o seu destino natural. É no uso da terra que o homem se realiza, ao adquirir os frutos da terra.

MODERNIDADE

O contraste de existência natural no universo de Hamsun, com a veneração pelo agricultor, é a civilização associada com a modernidade, industrialização e urbanização. Essa ambivalência existe em todas as obras de Hamsun sobre a vida urbana, mesmo no livro cuja temática versa sobre a existência urbana moderna – *Fome*. Em contraste com a vida nas cidades, onde os homens aparentemente se nutrem de dinheiro, a vida rural é baseada numa vivência dos frutos da terra, do mar, animais – domesticados e selvagens. A existência urbana é abstrata, a vida rural é plena e concreta.

Há uma passagem em *Vagabundos* onde Hamsun caracteriza a existência urbana como um mundo onde a fraude se realiza na obscuridade. Nos romances sobre a modernidade urbana, quer numa cidade grande como em *Fome*, quer nas pequenas cidades norueguesas, existem listas dos aspectos que Hamsun sempre odiou – industrialização, burocratas, ciências naturais, intelectuais, trabalhadores, mulheres modernas, empresas corporativas, liberalismo, reformas sociais e coletividade. Associada a esta atitude, está a sua suspeita relativa às comodidades manufaturadas, em particular comida produzida por processos industriais. Ele, naturalmente, preferia a comida direta da quinta.

Quando Hamsun assume a posição de crítico social, o que faz frequentemente, expressa opiniões mais claras que nos seus romances líricos e românticos. Um exemplo óbvio é seu livro de

1889, *Da vida intelectual na América moderna*, que demonstra a atitude do autor em relação aos aspectos da modernidade constantes em sua obra – como a antipatia ao que chamava de “liberdade da democracia”, para ele uma redução de todas as coisas ao mais baixo nível, transformando o materialismo financeiro em uma materialidade intensa. Some-se a isso o fato de que Hamsun escreveu com grande desconfiança sobre a vida nas cidades. Ele considerava ser parte de uma aristocracia europeia espiritual que rejeitava todos os valores americanos modernos, buscando os segredos escondidos para evoluir rumo a uma moralidade e valores baseados na lei orgânica e natural.

Entre os novos tipos e personagens modernos, Hamsun odiava em particular todos os que ele pôde retratar como incorporando moralidade pequeno-burguesa e sensibilidade racional. Típicos são os retratos de jornalistas, professores, burocratas, cientistas. Segundo Hamsun, ciência é um mecanismo vazio, de informações incompreensíveis, irrelevantes e não relacionadas. E manteve a mesma atitude para com os operários e o movimento trabalhista. Não os considerava naturais. Eles não respeitavam os verdadeiros trabalhadores da terra. Eles estavam preocupados com coletivismo e materialismo e não tinham um sentido moral verdadeiro. Suas vidas eram dominadas por avidez e inveja em relação aos que tinham um lugar inerente na fábrica natural. Em uma passagem clara de um dos seus livros – *Filhos da época* –, que mais que outros expressa a sua crítica social, Hamsun escreveu:

Os outros, os operários, empresários, jornaleiros passam o tempo mostrando os dentes uns aos outros e brigam. Essa é a vida. Em realidade disputam o velho proprietário e aquilo que ele tem, suas terras e seus bens (HAMSUN, 1976, vol. 6, 56).

Todas as classes modernas estão juntas em conflito com a velha ordem natural.

Não podemos dividir o universo literário de Hamsun em retratos realísticos e sociais, por um lado, e figuras simbólicas e psicológicas, por outro. Os personagens e os seus enunciados e também as caracterizações dos seus narradores consistem de um tecido temático de experiências ambíguas e incertezas psicológicas. Knut Hamsun é um dos muitos escritores modernistas que criaram narrativas convincentes sobre a fragmentação e os desafios da vida moderna. Estes foram parte da experiência da modernidade, mas detestaram essa experiência e procuraram soluções em ideologias horríveis e demoníacas. É na ambiguidade dessa característica, atraente e sedutora, que encontramos alegria e prazer.

Em 23 de junho de 1948, o Supremo Tribunal Norueguês julgou Knut Hamsun como culpado de ser membro do Partido Nazista Norueguês (NS). Mas Hamsun foi condenado apenas a pagar compensações, pois não foi julgado num tribunal criminal por traição, tratando-se somente de um caso civil. Consequentemente, não teve que cumprir uma pena de prisão por suas ações traidoras. Antes do julgamento, Hamsun havia sido internado em uma clínica psiquiátrica para ser observado, com os médicos psiquiatras concluindo que ele sofria de faculdades mentais fracas. O julgamento foi controverso desde o seu início, e ainda é, porque no centro do caso estava a adesão de Hamsun ao Partido Nazi em vez do seu apoio à guerra desencadeada pela Alemanha. O núcleo da polêmica foi se Hamsun realmente sofria de faculdades mentais fracas, algo que nunca foi evidente.

Desde 1945, Hamsun sempre esteve no foco das controvérsias por causa das suas simpatias nazistas. Declarar o ano de 2009 um “Ano Hamsun” para celebrar o 150º aniversário do

seu nascimento motivou discussões. Há pessoas que sustentam que sua traição foi tão grave que é impossível considerá-lo como uma figura nacional. Por outro lado, há outros que argumentam que as obras de Hamsun são muito mais importantes e que transcendem as ações de um ser humano fraco. É evidentemente possível considerar o enigma Knut Hamsun como a existência de um abismo profundo entre o teimoso animal político Knut Hamsun, de um lado, e o grande escritor sensível com um conhecimento profundo da psicologia humana, de outro. Hamsun foi um traidor? O enigma fica conosco. É possível ser um grande escritor sem ser um grande homem? É possível ser um bom autor sem ser um homem simpático? É possível ser um romancista de grande estatura e não ser um ser humano nobre? Esse tema está no cerne do romance *Verão*, que o autor sul-africano J.M. Coetzee, também laureado com o Prêmio Nobel, publicou em 2009. O livro pode ser lido como uma interpretação do enigma Knut Hamsun. Como é possível ser um autor com uma compreensão profunda dos problemas humanos, com uma empatia pelos seus personagens ficcionais, sem possuir a faculdade de relacionamento com outras pessoas e tendo opiniões profundamente obnoxias?

Há razões para crer que Knut Hamsun não era um marido simpático, nem um bom pai, nem um ser humano nobre. Era arrogante, obcecado consigo mesmo e não teve a capacidade de expressar empatia. Outros aspectos insensíveis do seu caráter surgiram durante o conflito mundial nos seus pronunciamentos sobre a guerra e o nazismo e, particularmente, em seu ignominioso necrológio sobre Hitler.

Mas existem muitos autores que não são simpáticos e se comportam de uma maneira repulsiva, sendo, ainda assim, grandes escritores. Mas será possível marcar uma linha clara entre o escritor e o ser humano? Em relação a Hamsun, essa é

a questão essencial. Por um lado, temos argumentos que defendem que só os seus grandes livros mostram o Hamsun verdadeiro, os seus outros pronunciamentos não contam. Por outro lado, temos argumentos que se baseiam no entendimento de que tudo o que Hamsun escreveu – tanto a grande literatura como os seus artigos estúpidos e maliciosos – é parte da mesma personalidade dividida, também aparente na sua vida pessoal.

Talvez a fúria desencadeada contra Knut Hamsun depois da guerra, e que ainda é parte do debate sobre ele, não esteja só relacionada com a sua traição pessoal, mas com o fato de as suas obras mostrarem os lados sombrios de uma existência que de outro modo é normal e politicamente correta. Hamsun não foi o único na sua traição. Ele a compartilhou com cerca de 50 mil outros cidadãos noruegueses. A dimensão e implicações deste fenómeno histórico e as reações dos bons noruegueses depois da guerra, só agora se revelam. Muitos dos traidores foram tratados com crueldade séria. Um dos exemplos mais vergonhosos foi o de como bons noruegueses perseguiram jovens mulheres norueguesas que amavam soldados alemães e deles tiveram filhos. Talvez Hamsun e sua obra sejam o símbolo de qualquer coisa que fala das ambiguidades de todos os homens modernos – aspectos positivos e negativos. Lados claros e obscuros.

É possível gostar e não gostar de Hamsun ao mesmo tempo. A sua obra deve ser admirada e também criticada.